

Projeto na Amazônia trilha caminhos ancestrais entre Xingu e Tapajós para mapear biodiversidade, sítios arqueológicos e impactos de grandes obras

Pesquisa reúne UFPA, UFAM, UFMT, Unicamp, UFOPA e Inpa a partir de metodologia intercultural com indígenas e ribeirinhos em uma das áreas mais desconhecidas e pressionadas da Amazônia; estudos incluem trechos atingidos por Belo Monte e regiões sob risco de contaminação por mercúrio e avanço de infraestruturas como a Ferrogrão.

Pesquisa científica revisita trilhas históricas e rotas fluviais utilizadas tradicionalmente por povos indígenas e comunidades ribeirinhas para investigar, ao mesmo tempo, o que ainda não se conhece sobre a sociobiodiversidade da região e como grandes transformações recentes - como hidrelétricas, mineração e abertura de novas frentes de pressão - alteraram ecossistemas e modos de vida no Médio Xingu e no interflúvio Xingu - Tapajós.

Batizado de “Caminhos Ancestrais: patrimônio biocultural, pesquisa colaborativa e etnoconservação no corredor de sociobiodiversidade do Xingu e interflúvio com o Tapajós”, o projeto une inventários de fauna e flora, pesquisa arqueológica, histórica e antropológica com conhecimento tradicional, em uma abordagem que os pesquisadores descrevem como intercultural e colaborativa.

A área de estudo concentra lacunas históricas de amostragem científica e, ao mesmo tempo, integra terras indígenas, unidades de conservação e territórios de uso tradicional atravessados por vetores de degradação - desmatamento, exploração ilegal de madeira, grilagem e contaminação por substâncias associadas ao garimpo, além de impactos de infraestrutura de energia e transportes.

Ao todo, estão previstas cinco grandes campanhas de campo: três terrestres e duas fluviais. Entre elas, percursos em territórios Kayapó e Mekragnoti, um varadouro histórico que conecta as bacias Tapajós e Xingu, e expedições de barco em trechos que vão de áreas fortemente alteradas pela UHE Belo Monte a regiões ainda preservadas no mosaico da Terra do Meio.

O projeto é apoiado pela Iniciativa Amazônia +10, por meio do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É coordenado por um grupo de pesquisadores de instituições em sua maioria amazônicas, com participação de pesquisadores do território, indígenas e ribeirinhos, incluindo a Rede de Monitoramento do Território Ribeirinho e o Monitoramento Ambiental Territorial Independente (MATI) na Volta Grande do Xingu.

Ver matéria completa:

<https://docs.google.com/document/d/1jlY306vdF25XPXsVnoMnEz723SPUzht5lgqe4VLEMJU/edit?usp=sharing>

Imagens em anexo.

Site: <https://caminhosancestrais.com.br/pesquisadores/>

Instagra: <https://www.instagram.com/caminhosancestraisamazonia/>

Imagens: Acervo/Caminhos Ancestrais

